



umanitas

71

MARAGLINO, Vanna (ed.), *Riccio o volpe? Uno e molteplici nel pensiero degli antichi e dei moderni*, 138 pp., Bari, Cacucci Editore, 2016, ISBN 978-88-6611-542-7

Recensão recebida a 25-05-2017 e aprovada a 05-07-17

Sob a batuta de Vanna Maraglino, este volume apresenta sete estudos, resultantes das Jornadas Internacionais realizadas pelo *Centro Interuniversitario di Ricerca di Studi sulla Tradizione*, em Bari a 31 de Março de 2014¹. Um breve prefácio assinado por Olimpia Imperio reconhece a fertilidade epistemológica do tema para o estudo das Humanidades, apresentando sumariamente cada uma das contribuições do volume e sinalizando algumas chaves de leitura para esta antinomia da raposa e do ouriço, desde Aristóteles, Plutarco, Erasmo até à moderna crítica literária.

O mote que deu origem ao título do volume *Riccio o volpe? Uno e molteplici nel pensiero degli antichi e dei moderni* foi o aforismo de Arquíloco «πόλλ' οἶδ' ἁλώπηξ, ἀλλ' ἐχῖνος ἔν μέγα» (fr. 201 W): “A raposa sabe muitas coisas mas o ouriço sabe uma grande”, que Erasmo de Roterdão também acolheu no Renascimento nos seus *Adagia* de 1500, sob a forma *Multa nouit uulpes uerum echinus unum magnum* numa *amplificatio* do mesmo didactismo. Esta sentença tão lacónica quanto enigmática é um terreno fértil na análise da dialéctica monismo e pluralismo: dimensões que não se excluem mas antes se fortificam mutuamente numa cultura complexa, multiforme e multimodal da matriz ocidental. A tradição proverbial é assim desenvolvida, desde logo, na contribuição proémica do volume “Il riccio e la volpe nella tradizione proverbiale”, de Renzo Tosi, numa perspectiva paremiográfica.

O verso do poeta lírico grego deu título a uma obra paradigmática do incontornável Isaiah Berlin *The Hedgehog and the Fox: An Essay on Tolstoy's View of History*, publicada em 1953, que está sob escrutínio na segunda contribuição do volume, de autoria de Marco Caratozzolo “Il riccio e la volpe di Isaiah Berlin: un'antinomia dostoevskiana”. A oposição é clara: de um lado alinham-se Platão, Lucrécio, Dante, Pascal, Hegel, Dostoevsky, Nietzsche, Proust na representação do ‘riccio’, dada a visão central de um sistema coerente e organizado com regras norteadoras do sentir e do pensar segundo um princípio único e universal; do outro lado configuram-se

¹ <http://www.uniba.it/ricerca/centro-interuniversitari/studi-sulla-tradizione>.

Heródoto, Aristóteles, Erasmo, Montaigne, Shakespeare, Molière, Goethe Puskin, Balzac, Joyce na figura da ‘volpe’ por perseguirem muitos fins, sob várias formas em diversas experiências, tantas vezes desconexas e contraditórias e nem sempre reguladas por um princípio ético-moral esclarecido. O autor vai dirimir a fluidez destas categorias hermenêuticas, em particular da que é imputada ao autor da *Guerra e Paz*, redimensionada pelo estudo de Mikhail Bakhtin na sua visão “polifônica” do romance. Esta antinomia unidade/multiplicidade reverbera na tradição russa, uma cultura que tende para uma fractura com a *Weltanschauung* ocidental, ao mesmo tempo que espelha igual capacidade de conciliação dos opostos. Na esteira do fragmento de Arquíloco, o autor evoca ainda, pertinentemente, o poeta simbolista Fedor Sollogub (*La vole e il riccio*, 1883) e a breve fábula de Samuil Marsak (*Il riccio e la volpe* de 1954). Tolstoi e Dostoevsky são confrontados neste artigo, numa leitura escudada na perspectiva de George Steiner. Tolstoi vem na continuidade de uma tradição épica em que a vida é uma corrente integrada na orgânica una do mundo, em contraponto, enquanto Dostoevsky é a expressão e o corolário de uma visão trágica do homem na sua vertigem e desarmonia com o mundo. A argumentação finda com a consideração perorativa de que o mundo de Dostoevsky é representado pela pluralidade e desagregação da família, com conseqüente isolamento do indivíduo, em fuga da sua própria condição.

O estudo seguinte é apresentado por Bernhard Zimmermann, “Zwischen Fuchs und Igel oder Probleme der Literaturgeschichtsschreibung: ein Werkstattbericht aus der Arbeit am Handbuch der griechischen Literatur der Antike”, um dos curadores do monumental *corpus* de historiografia literária e da recente obra *Handbuch der griechischen Literatur der Antike*. O autor analisa a figura da raposa e do ouriço na história da literatura grega, numa metodologia aturada, gizando a multiplicidade das formas e das manifestações de géneros, autores, épocas, eventos distantes no tempo e no espaço.

O trabalho seguinte, de Douglas Olson, com o sugestivo título “Ricostruire commedie perdute: uno sguardo da riccio”, disponibiliza um apêndice com trechos dispostos por ordem alfabética do título grego. A primeira secção reserva-se para a reconstrução do livro I de Heródoto, subdividindo-se da seguinte forma: uma primeira parte para as Histórias e costumes dos Lídios e uma segunda parte para os costumes dos Persas. A II secção do Apêndice reúne um conjunto de fragmentos das comédias sobreviventes de Aristófanes, organizadas também por ordem alfabética dos títulos gregos: os *Acarnenses*, as *Rãs*, a *Paz*, os *Cavaleiros*, as *As Mulheres*

que celebram as Tesmofórias, as Mulheres na Assembleia, Lisístrata, as Nuvens, as Aves, Pluto, As Vespas.

De Aristófanis regredimos, aproximadamente, um século até Heraclito que nos surge pela voz de Glenn W. Most no artigo “Eraclito tra volpi e ricci”. O autor coloca a tónica sobre a seguinte questão: devemos adaptar-nos às circunstâncias mesmo que isso implique um esforço contrário à nossa natureza ou devemos manter-nos resistentes em prol da fidelidade à nossa essência? Na formulação de Arquíloco não é despiciente a disposição sintáctica das palavras, que inequivocamente coloca a ênfase sobre o segundo termo, o ouriço. No entanto, se o leitor espera obter aqui uma inclinação ou um veredicto desengane-se porque esta emblemática oposição representa um dilema irresolúvel, que atravessa toda a nossa cultura ocidental, desde a Antiguidade. O autor do artigo salvaguarda isso mesmo e chama a atenção para a tradição épica passando por Teógnis, Píndaro, Tucídides, detendo-se em particular no pré-socrático Heraclito, sobre quem publicou recentemente uma obra a quatro mãos com André Laks, a propósito da dialéctica unicidade/multiplicidade no pensamento do filósofo pré-socrático. O autor procura uma apresentação equilibrada: ‘sia come volpe sia come riccio’.

Os dois artigos que encerram a obra poderiam ter sido esgrimidos a par. O de Mauro Tulli, “Astuzia e forma letteraria: Platone” debruça-se sobre a ideia de unidade e diversidade em Platão, com referências a *Teeteto*, *Crítias*, *Fedro*, *Apologia de Sócrates*, *Fédon*, *República*, *Timeu*, *Banquete* e *Leis*. O trabalho de Mario Vegetti – “Platone o l’unità impossibile” – tece considerações sobre a multiplicidade inerente à pólis, numa Atenas democrática dominada por muitos, tantas vezes flutuante no entendimento do bom, do bem e do belo. Nesse sentido, a veleidade, a turbulência intelectual, social e retórica, alegorizam-se na figura da raposa, pela sua astúcia, mobilidade e capacidade mimética. Tal não invalida, porém, a presença do ideal de unidade, subordinado a um princípio primeiro e absoluto: a ideia do Bem, epónima da verdade. O esforço platónico radica precisamente na tentativa intemerata de unificação ontológica e epistemológica qual *reductio ad unum*, segundo as palavras do autor: «se la grandezza di un filosofo si misura tanto dai suoi fallimenti quanto dai suoi successi, allora Platone è stato sicuramente, al tempo stesso, un grande riccio e una grande volpe.

A obra remata com um *index nominum* e *index locorum*, uma mais valia para qualquer leitor. Em suma, deparamo-nos com uma *dispositio*

lógica e coesa, uma estrutura coerentemente articulada, mesmo sem seguir qualquer critério diacrónico. A clareza e a perspicácia de que se reveste(m) a(s) leitura(s) do aforismo de Arquíloco, nas suas múltiplas dimensões – semântica, filosófico-pragmática, literária, retórico-política – consubstanciam o mérito da publicação, validando o vigor e a perenidade desta alegoria na Cultura Ocidental e funcionando como estímulo aos estudos de teoria literária e aos estudos de recepção.

ANA ISABEL CORREIA MARTINS

Pós-doutoranda da Fundação para a Ciência e Tecnologia
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
anitaamicitia@hotmail.com
orcid.org/0000-0002-5425-9865
https://doi.org/10.14195/2183-1718_71_8

RAFFAELLI, Renato & Tontini, A. Alba (coord.), *Lecturae Plautinae Sarsinates XVIII. Stichus*, 112pp., Urbino, QuattroVenti, 2015, ISBN 978-88-392-1000-5

Recensão recebida a 16-06-2017 e aprovada a 12-07-17

No dia 27 de Setembro de 2014 decorreu em Sársina, na sede do *Centro Internazionale di Studi Plautini*, a XVIII edição da *Lectura Plautina Sarsinatis*, dedicada desta vez à peça *Stichus*. Do encontro resultou esta publicação, editada em 2015. Na “Presentazione” (pp. 7-8), C. Questa e Renato Raffaelli, fazem uma síntese do programa do evento: apresentam uma resenha do encontro do ano anterior, cujos resultados constituem o volume XVII desta série, sobre a *Rudens*, e que acabara justamente de ser editado; dão a notícia de que R. Raffaelli, em consequência de se reformar da vida académica, deverá também abandonar do cargo de Diretor do referido Centro, com um agradecimento especial aos colaboradores; fazem uma síntese dos trabalhos da XVIII *Lectura* e, finalmente, anunciam a XIX, para 2015, sobre a peça *Trinummus*.

Na habitual rubrica desta série, “A proposito dello *Stichus*”, Raffaelli parte do argumento inicial em acróstico para fazer uma análise do enredo tendo em mente a comparação com outras peças. Este texto encontra-se compilado, juntamente com a análise dos argumentos das outras peças, num